

Luiz Divino do Lago

**Natalie disse  
boa sorte  
aos mendigos**

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

## Um final justo

Talvez eu precisasse chegar aos 120 anos, o tempo suficiente para liquidar todas as faturas que estavam penduradas no quadro de cortiça do corredor, por onde eu passava de olhos fechados. Para não ver o tom amarelado dos papéis, a sombra das histórias impregnadas em cada um deles.

Tirei uma fotografia da gaveta onde, embrulhada numa flanela puída, estava uma velha arma que nunca usei. Sabia que havia uma bala lá dentro, sabia porque ela tinha sido colocada, sabia porque eu havia desistido no último momento. Sorri para o espelho, para a janela que levava a um campo aberto, para uma fileira de coqueiros que se esticava para o horizonte, uma grandeza ilusória proporcionada pela perspectiva ao pouco que ainda tinha.

Trabalhava pouco, pensava muito e naquele exercício fazia render os dias, criava mundos e novas estradas, encaminhava histórias.

Havia um vidro de perfume teu sobre uma mesa a caminho da varanda. Certos dias eu deixava o vidro aberto e gastava o chão daquele trajeto para, no início da noite, entorpecido, adentrar um intervalo de tempo onde tudo podia ser

modificado. Gargalhávamos, falávamos da nossa vida boa naqueles anos aos pés da Serra da Canastra, do nosso tempo em Maria da Fé, do primeiro desenho que fizemos para esta casa e este lugar.

Olhei para a fotografia, desembulhei a arma. O estampido correria ao longo da fileira de coqueiros, em ondas, carregando os estilhaços de um quase amor, de uma quase história, de uma vida carregada de ótimos planos e um final justo que liquidaria, de uma só vez, todas as faturas penduradas no quadro de cortiça do corredor.

## Adélia

Engraçado que Adélia morasse numa rua chamada Solidão. Ela, uma das mulheres mais frequentadas em sua casa de tijolos vazados, a penúltima de uma viela que desembocava num ribeirão.

Entrei por suas pernas aos quinze e Adélia me engoliu com sua beleza madura, de voz rouca dos cigarros sobre o criado-mudo. Esquecia-me da vida pelo meio dela, pelo seu perfume de jasmim, pelas suas frases curtas e imperativas “Goza!”. Para depois me premiar com um Diamante Negro que um vendedor de chocolates deixava por lá toda quinta-feira.

Apreendi com Adélia a observar os trincados e cantos ume-decidos do teto e traçar por eles um paralelo da vida. Apreendi com ela a fumar um cigarro depois do sexo, um ato apreendido pelo cinema ou o contrário, a observar os rasantes de uma mariposa ao redor de uma lâmpada, a apreciar o tom avermelhado dos mamilos na contraluz da janela. Roubei dela a gargalhada debochada que desarma o revés, a amplitude do olhar que abarcava o todo e que parecia ver, no desfocado da lente, a face do Construtor.

Engraçado que Adélia morresse no dia do meu aniversário. Não sem que antes ela me ordenasse, depois de um beijo e uma baforada do cigarro: “Segue!”.

## Olívia

Olívia amou uma mulher que se mudou para o Piauí. Desprovida de beleza, trêmula, ela falou tudo o que podia, além do que eu estava disposto a ouvir naquela noite. Um cigarro acendia o outro, a bebida descendo em meio a fumaça tragada na urgência.

Bar vazio, Baixo Glicério, lugar ruim de se estar àquela hora da noite. O balconista tomava uma cerveja, meio corpo deitado sobre o freezer, cara de impaciência que volta e meia ele desfazia com um sorriso no sacrifício.

Olívia chorava às vezes, vagando um intervalo entre as frases, quando então eu conseguia enfiar uma opinião infeliz qualquer sobre essa desgraça que é ser deixado por alguém. Mas ela não me ouvia, não queria opiniões, apenas um ouvido paciente, não estava interessada em julgamentos, ninguém está nesta hora.

Norma, que rolou com ela em todas as camas vagabundas da Liberdade e dali para baixo, era uma morena de olhos claros, de uma beleza estranha, o tipo de mulher que a gente sabe que não vai ficar. Nem ali, nem em lugar nenhum, com ninguém por muito tempo. Norma era branca, branca, de

cabelos pretos e corpo forte, maciço, de um jeito inquieto que não deixava escapar nada em volta. E tudo que era observado era trazido para algum lugar secreto que ela guardava naqueles olhos, que viam algo mais que os nossos. Tinha razão Olívia. Norma era uma desgraça na vida de qualquer um. Difícil imaginar como as duas puderam se entender, se é apenas de beleza física que estamos falando. Então era algo mais, que só Norma viu.

Três caras entraram no bar e pediram cerveja e uma mistura qualquer. Vinham de baixo, já tinham descido e subido várias vezes, sempre olhando para dentro. O balconista descolou-se do freezer e fez sua parte. Olívia não se voltou. Apenas mudou de feição e olhou para dentro do balcão, para uma faca solta sobre a pia. Um deles me perguntou se eu estava com vontade de viver mais um pouco. Eu confirmei com a cabeça. “Então se manda”, o mesmo disse. Os outros dois tinham as mãos escondidas atrás. “Ele fica”, disse Olívia, e na sequência a faca rasgou o pescoço do que estava mais perto. E dos outros dois da mesma maneira. Em segundos os caras estavam no chão, trilhas de sangue escorrendo e fazendo poças sobre o cimento rústico. Olívia jogou a faca dentro da pia, ela bateu e voou e quase pega o braço do balconista, que ainda pensava em alguma coisa. Ela pegou o cigarro aceso que queimava uma parte lascada do balcão. E me olhou por alguns instantes, como se dissesse que eu não sabia quem ela era. Em seguida ela voltou a falar de Norma e começou a chorar novamente. O balconista pegou um pedaço de pau que estava atrás do freezer. E o colocou de volta quando Olívia pôs o cigarro no mesmo lugar sobre o balcão. Ela olhou para os corpos no chão e foi saindo. Eu paguei pelas cervejas e saí atrás.

A rua estava silenciosa. Um cara fumava na sacada de um apartamento em frente. Subimos em direção ao metrô São Joaquim, Olívia chorando as saudades de Norma.

---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

CONTATO  
[luizlago@yahoo.com.br](mailto:luizlago@yahoo.com.br)

---

---

## *Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Minion Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em julho de 2023.

---